

# COLHENDO ESPIGAS NO SÁBADO

## Um estudo de Marcos 2,23-28

José Adriano Filho

Marcos 2,23-28 é um relato de controvérsia que envolve Jesus, os seus discípulos e os fariseus. O texto enfatiza a longa resposta de Jesus, logo após a pergunta dos fariseus provocada pelo fato dos discípulos dele colherem espigas em dia de sábado. Precisamos considerar a situação específica que levou a comunidade de Marcos a transmitir esta história da vida de Jesus em sua própria situação histórica para compreendê-la. A nossa atenção estará, portanto, voltada para o mundo da narrativa evangélica. O texto de Marcos representa, por um lado, o mundo que ele narra e, por outro, o mundo em que ele vive. O tempo histórico de Marcos não é o tempo de sua narrativa sobre Jesus, pois eles se acham separados talvez por duas gerações. O espaço histórico é também diferente e precisamos considerar em que circunstâncias históricas o evangelho foi elaborado. Marcos dirigiu seu evangelho para as comunidades do seu tempo e os seus destinatários são atraídos para o universo narrativo do evangelho e tornam-se quase parte de histórias a respeito de Jesus e seus seguidores e dos seus oponentes.

### I

Os relatos de controvérsia são confrontos entre Jesus e inimigos. Eles têm origem na atuação de Jesus ou no comportamento dos seus discípulos e contêm um ataque em forma de reprovação ou pergunta da parte dos opositores de Jesus. O seu conjunto culmina na resposta de Jesus, que pode ser uma contra-pergunta, comparação e, em algumas ocasiões, uma citação da Escritura. A reprovação ou pergunta dos adversários pode estar também implícita, de forma que ouvimos somente um dos participantes do diálogo. Marcos 2,23-28 contém estas características, pois apresenta um enfrentamento de Jesus com seus adversários, provocada pelo fato dos discípulos estarem, em dia de sábado, colhendo espigas para saciar a fome.

Marcos 2,23-28 levanta algumas questões sobre uma forma de comportamento que era contrária à lei ao apresentar o conflito relacionado com a prática de colher espigas no sábado e envolve também o tema comer ou não comer. No relato, logo após a introdução, os fariseus se aproximam e perguntam porque os discípulos estavam fazendo o que não era permitido em dia de Sábado. A resposta de Jesus está estruturada na expressão: “E lhes diz”, “E lhe dizia” (2,25.27), que a divide em duas partes. A primeira parte é um exemplo extraído da Escritura, o exemplo de Davi, a partir do qual Jesus defende os discípulos que colhem espigas no Sábado. Jesus menciona a necessidade e fome de Davi e seus companheiros (2,25) e descreve o que ele fez para resolver aquela situação (2,26). A segunda parte consiste em duas declarações adicionais. um

dito popular que fala diretamente sobre o sábado (2,27) e uma declaração cristológica que declara a autoridade do Filho do homem sobre o sábado (2,28).

A estrutura literária de Marcos 2,23-28 pode ser apresentada da seguinte forma:

- 1– Introdução narrativa: “E aconteceu ele (Jesus)...” (2,23)
- 2– O escândalo dos adversários: “Os fariseus diziam para ele...” (2,24)
- 3– A resposta de Jesus (2,25-28)
  - a) O exemplo de Davi (2,25-26)
    - a.1– A necessidade e fome de Davi e seus companheiros (2,25)
    - a.2– O que Davi fez para matar a sua fome e a de seus companheiros (2,26)
  - b) Duas declarações adicionais (2,27-28)
    - b.1– Dito de sabedoria que fala diretamente sobre o sábado (2,27)
    - b.2– Declaração cristológica: a autoridade do Filho do homem sobre o sábado (2,28)

## II

Marcos 2,23-28 se inicia com o começo clássico de perícopo: “E aconteceu”, e com uma descrição precisa de uma situação característica de discussão: “ele (“Jesus”) atravessar as searas em dia de sábado e os discípulos começaram a colher espigas”. A ação dos discípulos era, em si mesma, totalmente legítima, pois “colher a espigas” corresponde a uma regra específica de Deuteronômio 23,25: “Quando entrares na seara do teu próximo, com a mão arrancarás as espigas; porém na seara não lhe meterás a foice”. Ela, contudo, provocou a pergunta dos fariseus: “Os fariseus diziam para ele: Vê que fazem com o sábado o que não é permitido?” (2,24), somente porque foi algo que ocorreu no sábado. Este foi o primeiro encontro que envolveu a discussão sobre a transgressão da lei do sábado, algo que deve ter sido motivo de conflito repetido entre Jesus e seus adversários (Mc 3,1-6; Lc 13,10-17; 14,1-6; Jo 5,9-13; 9,14-16).

A ação de colher foi interpretada como ceifa, um ato de trabalho que era considerado uma violação do descanso sabático. “Ceifar no sábado” era formalmente proibido pela lei mosaica (Ex 34,21) e constituía uma das categorias principais de trabalhos proibidos no sábado. A expressão “o que não é permitido” focaliza, portanto, uma lei que tinha importância vital e que era observada com vários graus de rigor no judaísmo. O livro de Jubileus tem a lei do sábado como seu fundamento teológico e o vê como um sinal especial dado somente a Israel. O Documento de Damasco oferece a mais rigorosa interpretação desta lei, mesmo dar ajuda para parir um animal ou a um animal caído numa cisterna (Mt 12,11; Lc 13,15; 14,15) e, da mesma forma, ajudar uma pessoa. A especificação das atividades que eram condenadas indica a preocupação de evitar todas as possibilidades de transgredir a lei do Sábado, que podia ser substituída somente em situações de vida ameaçada ou necessidades pessoais de grande calamidade.

A conduta dos discípulos provocou a questão que foi dirigida a Jesus, o líder deles. Os fariseus dirigem seu protesto diretamente a Jesus, pois para os escribas o mestre era responsável pelo comportamento dos seus discípulos. Os fariseus, que pertenciam em sua maior parte à classe média leiga, compunham o mais numeroso dos grupos do judaísmo e exerciam grande influência sobre o povo. Sua interpretação escrupulosa da lei os levava a uma observância rigorosa do sábado, a um extremo cuidado com as regras de pureza, ao pagamento integral dos dízimos dos mínimos produtos. Eles queriam impor ao povo em geral uma pureza semelhante àquela que devia caracterizar o sacerdote oficiante do templo, um cuidado que se estendia a todo o Israel. Opunham-se também à nobreza sacerdotal e leiga na área religiosa e eram um grupo de intérpretes da Escritura com espírito renovador. Irrepreensíveis aos olhos do povo, por seu saber e sua piedade, superavam os chefes saduceus pouco considerados nos meios populares.

Os fariseus reagiram e acusaram os discípulos de Jesus de fazerem o que não era permitido no sábado. A ofensa dos discípulos não foi trabalhar no sábado ou ir além dos limites permitidos nas jornadas do sábado. A lei do limite do sábado dizia a uma pessoa como evitar infringir este mandamento: “Considerai que o Senhor vos deu o sábado; por isso ele no sexto dia vos dá pão para dois dias; cada um fique onde está. Ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (Ex 16,29). No Sábado, era permitido caminhar com um propósito específico, pois segundo a lei do limite do Sábado isto não significava uma jornada. Não o próprio Jesus, mas os discípulos foram censurados por transgredirem a lei do sábado, ao colherem e comerem grãos no sábado. Os fariseus censuram este procedimento, pois para eles aquilo era uma forma do trabalho de recolher e, portanto, uma violação do descanso sabático (Ex 34,21). Não é coincidência que eles tenham encontrado os discípulos de Jesus fazendo o que desaprovavam. Eles eram os guardiões da lei numa época em que se verifica o desenvolvimento da legislação do sábado, um processo no qual eram os líderes principais.

O fundamento da objeção farisaica é que os discípulos estavam colhendo espigas no sábado. Certamente não pensavam que os discípulos podiam estar ou não famintos, mas pensavam da perspectiva de que o alimento deveria ter sido recolhido e preparado no dia anterior e de que no descanso sabático poderiam se alegrar com comida, mas sem trabalho. Podermos, contudo, pensar na fome como o motivo pelo qual os discípulos comportavam daquela maneira. Outro motivo não é mencionado, mas podemos deduzi-lo da comparação com Davi em 2,25-26. Na opinião dos fariseus, o reprovável não era colher o alimento, pois isto era permitido pela Lei, mas a quebra do descanso sabático.

A resposta de Jesus, formulada como contra pergunta, lança mão, num primeiro momento, da história de Davi, chamando atenção para o incidente relatado em 1Sm 21,1-6. A formulação “Nunca lestes o que fez Davi”, que mostra a resposta de Jesus como uma referência às Escrituras, seguida por uma contra-questão que reflete a linguagem de debate, é apropriada ao contexto. Por isso, para entender a resposta de Je-

sus, é necessário observar as diferenças fundamentais entre o lugar de vida dele e dos discípulos e o dos fariseus. Dado que os discípulos fossem, provavelmente, pobres e colhiam espigas no sábado, que Jesus falou sua mensagem para pecadores, para as ovelhas perdidas da casa de Israel, o conhecimento que temos sobre o “povo da terra” nos ajuda a localizá-los socialmente num lugar muito diferente daquele dos fariseus. Eles obtinham comida da forma permitida pela lei e não podiam imaginar que aquilo fosse trabalho. Eles não deviam conhecer a opinião dos fariseus e também não obedeciam à lei como eles, mesmo quando a obedeciam como um todo.

Ao lançar mão da história de Davi (1Sm 21,1-6; 22,20-23), Jesus deixa claro que uma ação proibida pode ser permitida em determinadas circunstâncias. Davi, que pela perseguição de Saul, viu-se obrigado a viver fora da lei, recebeu do sacerdote Abimelec, em Nob, os pães da proposição que eram conservados durante uma semana no santuário (“cada de Deus”: Lv 24,5-9). Segundo o relato de Marcos, Davi em pessoa entrou na casa de Deus, comeu os pães da proposição e deu de comer aos seus companheiros. Por que este incidente particular é relevante para situação em questão? A referência de Jesus a este momento da vida de Davi não foi um fenômeno isolado na tradição judaica, que tentou de várias formas justificar o comportamento dele, mas na narrativa de Marcos a ênfase está na associação de Davi e seus companheiros, porque é este detalhe que fornece um paralelo com Jesus e seus discípulos. Duas vezes no texto são feitas inferências a 1Sm 21,3-6 para sublinhar este fato: “quando ele teve necessidade e teve fome, ele e os que estavam com ele” e “deu também aos que estavam com ele”. A conduta de Davi inclui a de seus companheiros. A relação entre o incidente do Antigo Testamento e a quebra da lei do sábado pelos discípulos está no fato de que em ambas as ocasiões homens piedosos fizeram alguma coisa proibida.

Em que sentido a afirmação de Jesus responde à questão dos fariseus? Seria Marcos 2,25-26 uma tentativa de justificar a conduta dos discípulos pelo uso de um precedente da vida de Davi ou a escolha da conduta de Davi, devido ao lugar especial que ele tinha no judaísmo ou uma lembrança aos fariseus de que a lei pode, em algum momento, ser quebrada impunemente, além de ser um corretivo para sua rigidez quando se considera a lei ritualista? Do ponto de vista da tradição interpretativa judaica, a resposta de Jesus não se justifica, pois o valor relativo do apelo a um argumento histórico como este pode ser questionado à luz do que é conhecido nos debates dos mestres. A tradição sustentava que uma regra detalhada devia basear-se, direta ou indiretamente, num preceito real promulgado nas Escrituras. Apelar a um exemplo pode ser útil para iluminar um aspecto da tradição que já estava estabelecido, mas isto não teria valor num debate técnico.

Considerando este ponto de vista, a analogia entre a história de Davi e a conduta dos discípulos não fica estabelecida: a conduta de Davi e de seus companheiros é considerada, mas a de Jesus não; Davi teve necessidade e fome, mas nada comparável é dito sobre os discípulos; Davi comeu ilegalmente o pão sagrado e os discípulos fizeram obra ilegal no sábado. Este tipo de argumento era popular e se havia alguma tenta-

tiva de debater este modelo formal, Marcos não mostra interesse em indicá-lo para os seus destinatários, pois o importante para eles era a atitude de Jesus em relação ao sábado e o pronunciamento que ele fez. Conseqüentemente, a referência a Davi e seus companheiros é apropriada ao oferecer uma analogia com Jesus e seus discípulos ao indicar que eles fizeram algo proibido pela lei.

Nestes versos a correlação é entre Davi e seus companheiros e Jesus e seus discípulos. Jesus era responsável pela conduta dos discípulos. Assim, Marcos 2,25-26 desenvolve um argumento que vai do menor ao maior, de Davi a Jesus, apresentando a natureza precisa da relação entre eles. Em vez de uma apologia da conduta dos discípulos, esta resposta, como aquelas apresentadas em 2,10.17.19a, apresenta uma declaração cristológica sobre Jesus e seu ministério. Certamente o acento do relato de Marcos desloca-se para a atuação de Davi, que toma a liberdade de comer e dá também a seus companheiros os pães da proposição, os quais, depois de permanecerem toda a semana sobre a mesa ante o santíssimo, deviam ser comidos pelos sacerdotes em lugar sagrado (Lv 24,5-9). A correspondência entre Jesus e seus discípulos, por um lado, e Davi e seus companheiros, por outro, consiste que em cada um dos dois casos possibilita-se a liberdade de romper com a lei. Amplia-se a lei do sábado. O que interessa de verdade é a maneira de comportar de Davi e Jesus, pois da mesma forma que Davi, como homem de Deus, estava autorizado a atuar com liberdade, dessa mesma forma Jesus pode dar a liberdade que se expressa na ação dos discípulos.

Mc 2,25-26, portanto, contém de forma indireta uma prova da liberdade de ação em relação ao sábado, tendo por base a messianidade de Jesus. O que Davi teve liberdade de fazer para si e seus companheiros, essa mesma liberdade têm os seguidores de Jesus: inclusive a transgressão do mandamento mais santo, porque a fome pressiona – a fome não conhece a lei. A diferenciação corrente comum para nós entre lei cültica e lei ética jamais é feita no Novo Testamento. Por isso, é algo incrível o que ousa fazer Davi, o rei de Deus, o precursor do Messias. Dessa forma, os discípulos de Jesus têm direito a algo semelhante, à transgressão de um dos dez mandamentos, porque evidentemente iniciou o tempo messiânico e com ele a Torá do Messias (cf. Mt 5,17-20).

A segunda parte da resposta de Jesus afirma, de forma direta, a liberdade de ação em relação ao sábado, tendo por base a messianidade de Jesus. A relação dos versos 27-28 com os que lhe precedem e a questão mais ampla da observância do sábado continua a provocar discussão e conjectura. O dito de Jesus foi lembrado e transmitido porque ele afirma que o sábado foi instituído por Deus para beneficiar o ser humano. Sua relevância para a questão levantada pelos fariseus está na reafirmação da intenção original do sábado, que as interpretações tradicionais da Lei haviam obscurecido. O v. 27 é um dito que expressa o propósito de Deus ao estabelecer o sétimo dia como um período de alegria e descanso. A intenção divina não foi, de forma alguma, infringida pelo colher espigas da parte dos discípulos de Jesus.

O sábado não é um fim em si mesmo, existe por causa do ser humano e o Filho do homem é Senhor dele. Ele foi criado para o benefício do ser humano e, como dádiva de Deus, permanece a serviço da humanidade, não a humanidade a serviço dele. Mas, quem é este “Filho do homem” que é senhor do sábado? Estamos diante da mesma relação do nome “Filho do homem” como em 2,10. Somente aquele que percebe o que está em jogo, entende que o Filho do homem – juiz do mundo de Daniel anula a lei do sábado e que Jesus, o homem na terra, é o Filho do homem.

A expressão “Filho do homem” aparece nos evangelhos exclusivamente como auto-designação de Jesus, sendo usada na apocalíptica judaica para simbolizar a coletividade de fiéis que seria exaltada no final dos tempos, aos quais era conferido o direito de exercer juízo sobre os ímpios (Dn 7,13). Filho do homem foi, mais tarde, personificado, por exemplo, na figura de Enoc. Ao chamar Jesus de Filho do homem os primeiros cristãos estavam fazendo uma afirmação ousada. Em Mc 2,10 ela marca uma separação em relação aos escribas, pois se eles criam que Jesus se fazia igual a Deus ao pretender ter poder de perdoar pecados, os cristãos ousavam mais ainda ao dizer que não somente tinha essa atribuição divina, como também estava autorizado para promover o juízo de Deus do final dos tempos e, como tal, tinha poder tanto para perdoar os pecados quanto dar um novo significado ao sábado.

Mc 2,27-28 deve, portanto, ser entendido em relação com os versos anteriores. Ao introduzir a frase cristológica, a comunidade sabe-se determinada em sua prática do sábado a partir de sua união com Cristo. Sua postura frente à lei situa-se em outra perspectiva. A validade do sábado situa-se agora no juízo do Filho do homem, que é juiz no que se refere ao reconhecimento e abolição do sábado. Estamos diante da atuação poderosa de Jesus que aparece com uma autoridade que de ordinário era reservada só a Deus (Mc 2,10.28). Javé é o Senhor do sábado (Lv 23,3), mas para a comunidade de Marcos o Filho do homem ocupa o lugar antes de Javé. Sua condição de Senhor está orientada completamente ao título Filho do homem, cuja presença torna tal liberdade possível, pois nele o presente de Deus para o ser humano foi realizado completamente.

Mc 2,28 deve, portanto, ser interpretado depois da analogia de 2,10, pois representa o comentário do próprio Marcos sobre o significado do incidente como um todo para a comunidade cristã. A reflexão sobre a ação e palavra de Jesus, através das quais ele estabeleceu a verdadeira intenção do sábado e expôs a fraqueza do sistema humano em interpretar a lei com restrições, revelou sua autoridade soberana sobre o próprio sábado. Portanto, tanto a resposta de 2,25-26 quanto a de 2,27-28 indicam Jesus como base para a ação dos discípulos. Outras controvérsias sobre o sábado envolvem Jesus, cujo ministério de cura provocou conflitos com seus oponentes (Mc 3,1-6; Mt 12,9-14; Lc 6,6-11; 13,10-17; 14,1-6; Jo 5,1-16; 9,1-38). O ministério de Jesus tem precedência sobre o sábado. Similarmente, Jesus, como a contraparte de Davi reivindica autoridade sobre o sábado em 2,25-28. Como alguém autorizado para um ministério especial, Jesus reivindica a autoridade para permitir a seus discípulos, que tinham deixado tudo para segui-lo, colher espigas no sábado. Mc 2,27-28 está relacio-

nado com e explica a resposta de 2,25-26. O sábado foi dado não como um peso mas sim como ajuda e alegria para o ser humano.

### III

Marcos começa o seu evangelho com uma declaração que antecipa o tema que o evangelista pretende desenvolver (1,1). As expressões “Jesus Cristo” e “Filho de Deus” aparecem novamente nas duas cenas de confissão: na primeira, Pedro proclama a Jesus como Messias (8,30); na segunda, o centurião, vendo como Jesus havia morrido, proclama que Ele é o Filho de Deus (15,39). Estas duas cenas dividem o Evangelho em duas grande partes. A primeira parte (1,1–8,26) centraliza-se na Galiléia e a segunda (8,27–16,20) está orientada para Jerusalém, onde Jesus realiza a última etapa do seu ministério. Do ponto de vista temático, a primeira parte apresenta os temas Messias e Reino de Deus, enquanto a segunda parte centraliza-se no tema da paixão, morte e ressurreição. Parece, pois, que Marcos quis distinguir dois períodos na revelação do evangelho: o primeiro centrado no ministério do Messias; o segundo no ministério do “Filho do homem”. O último período aprofunda o significado e alcance do primeiro.

Os indícios literários orientam a subdividir em três seções cada uma das duas partes do Evangelho de Marcos. Na primeira parte do Evangelho há três sumários (1,14-15; 3,7-12; 6,6b), cada um dos quais indicando um progresso na atividade de Jesus, seguidos por uma cena especialmente dedicada aos discípulos: chamada ao discipulado (1,16-20), constituição dos doze (3,13-19) e o envio à missão (6,7-13). Cada uma dessas seções, depois de uma parte central em que aparecem várias cenas, concluem com uma alusão à falta de compreensão ou cegueira a respeito de Jesus dos dirigentes (3,6), dos de Nazaré (6,6) e dos próprios discípulos que, por meio de Pedro, o reconhecem como Messias (8,27-30). Assim, a primeira seção do Evangelho de Marcos, além da introdução (1,1-15), consta das três seções seguintes: a) 1,16–3,6 – Jesus começa sua atividade: êxitos e conflitos; b) 3,7–6,6a: As posturas diante de Jesus são definidas; c) 6,6b–8,26: Jesus começa a afastar-se da Galiléia.

A segunda parte do Evangelho (8,27–16,20) divide-se também em três seções, como sugerem os indícios literários, topográficos-cronológicos e de conteúdo. Em primeiro lugar, aparecem os três anúncios da paixão, morte e ressurreição de Jesus (8,31; 9,31; 10,32-34), seguidos sistematicamente por uma incompreensão dos discípulos (8,32-33; 9,32-33; 10,35-37), além de uma série de ensinamentos, que são desenvolvidos no caminho Galiléia-Judéia, o caminho de Jerusalém. O relato transcorre depois em Jerusalém, podendo subdividir-se em duas seções: a primeira centrada no ministério de Jesus em Jerusalém antes da Paixão, a última envolvendo a descrição da paixão, morte, ressurreição e o convite para ir à Galiléia para ver o ressuscitado, que os precede. A segunda parte do evangelho, além de um apêndice (16,9-20), apresenta três seções: a) 8,27–10,52, O caminho do Filho do Homem; b) 11,1–13,37: Última semana em Jerusalém; c) 14,1–16,8: Paixão e morte e ressurreição.

Nessa estrutura, na primeira seção da primeira parte do evangelho, 1,16–3,6, logo após o sumário (1,14-15) que resume a obra de Jesus na Galiléia, a vocação dos primeiros discípulos é apresentada como complemento da apresentação do primeiro sinal da presença do reino. O significado do início do reinado de Deus na Galiléia é demonstrado com a jornada em Cafarnaum com a presença do profeta, que fala com autoridade, que vence a Satanás e a dor, que vive intimamente unido a Deus. Começa na sinagoga, ensinando com autoridade e curando um possesso, ação que provoca a admiração geral e abre um questionamento. O sumário de Mc 1,39 indica que a operação de milagres acontecida em Cafarnaum expandiu-se para toda a Galiléia, onde se introduz o relato da cura do leproso (1,40-45). Logo em seguida, Marcos começa a falar das reações à atividade de Jesus, apresentando a reação dos escribas e fariseus nas cinco controvérsias de 2,1–3,6. Jesus continua oferecendo sinais do que significa a chegada do reino: salvação total, perdão dos pecados, convite para o banquete festivo e a presença do noivo. Os escribas e fariseus mostram a Jesus uma oposição progressiva e a reação final deles deixa claro a sua decisão de eliminá-lo (3,6).

A oposição a Jesus, evidente nas cinco controvérsias de 2,1–3,6, tem o seu clímax na última história, na qual os oponentes planejam matar a Jesus. As duas primeiras controvérsias, “a cura do paralítico” (2,1-12) e “a vocação de Levi e o comer com pecadores” (2,13-17) falam da relação de Jesus com o pecado e pecadores. As duas últimas, “colher espigas no Sábado” (2,23-28) e a “cura em dia de Sábado” (3,1-6) têm como tema a preocupação com a observação do sábado e com o “comer”. A controvérsia central (2,18-22) fala sobre o jejum, não o pecado ou o sábado.

A primeira controvérsia (2,1-12) e a última (3,1-6) envolvem a cura de alguém doente. Estas duas controvérsias estão relacionadas entre si e têm Jesus, os doentes e os oponentes como personagens. Nelas, a narrativa de milagre começa e é interrompida pela palavra de Jesus dirigida aos oponentes e cada uma delas finaliza com a descrição da multidão. Ademais, o conteúdo das reações apresentadas não é paralelo, mas antitético. Numa, a multidão responde com admiração e a glorificação de Deus (2,12), na outra os oponentes respondem à cura do homem doente com um plano para matar a Jesus (3,6).

A segunda narrativa (2,13-17), a terceira (2,18-22) e a quarta (2,23-28) não apresentam nenhuma tipo de cura. O paralelismo entre a segunda controvérsia e a quarta está claramente indicado. A segunda narrativa começa com Jesus junto ao mar, chamando Levi, que estava na coletoria, para ser seu discípulo (2,13-14). Jesus, então, entra na casa de Levi, onde “estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores”. O texto encerra com um provérbio tradicional que afirma “os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores”. Na quarta controvérsia, a narrativa começa nas searas, em dia de sábado, e apresenta os discípulos que quebram a lei do sábado, colhendo espigas (2,23). Ela segue com a história de Davi e os ditos de Jesus (2,25-28). Nessa narrativa, o provérbio final e a reivindicação cristológica justificam a ação relatada no início. Ademais, as partes

centrais da segunda e quarta controvérsias (v. 15-16 e 25-26) apresentam não somente os pecadores e o Sábado, mas também o tema do “comer”. Na segunda controvérsia, Jesus entra numa casa e come com publicanos e pecadores, algo que feria os padrões de pureza vigentes. O fato de que Jesus “come” é acentuado quatro vezes. Na quarta narrativa, Jesus conta a história de Davi que entrou na casa de Deus e comeu os pães da proposição, algo que não era permitido pela Lei.

A terceira narrativa (2,18-22) tem duas partes: a pergunta sobre “comer” (v. 18-20) e os ditos sobre o antigo e o novo (v. 21-22). Ela difere em conteúdo das outras narrativas: não apresenta o lugar do acontecimento e os oponentes não são especificados. Ela menciona dois períodos de tempo: o tempo anterior e o tempo posterior a Jesus. Ela tem, contudo, relação com a segunda e a quarta controvérsias, pois compartilha com elas a ausência de cura e a presença dos discípulos. Apesar de não usar o verbo “comer”, este tema está também presente no relato. O verbo “jejuar” é usado seis vezes, em contraste com o “comer” da segunda e quarta controvérsias. Estas três controvérsias têm, de alguma forma, relação com o tema do “comer”: Jesus e os discípulos comem com pecadores, os discípulos não jejuam e colhem espigas no sábado, Davi e os que estavam com ele comeram os pães da proposição, algo que não era permitido pela Lei.

O conteúdo da terceira narrativa está também relacionado com a primeira e a última controvérsias, que contêm o tema morte/destruição versus vida e ressurreição. Em Mc 2,1-12, a cura de Jesus iniciada com a fórmula de perdão dos pecados desencadeia o conflito com os seus oponentes porque Ele age como Deus e reivindica ser o Filho do Homem que tem autoridade sobre a terra. O desenvolvimento de Marcos 2,1-3,6 mostra primeiro o poder de Jesus realizar milagres e de perdoar pecados (2,1-12). Em seguida, na história da vocação de Levi e o “comer” com publicanos e pecadores, a atenção do leitor é dirigida para o status especial de Jesus junto a Deus. Este aspecto foi introduzido no primeiro dito sobre o Filho do homem (2,10), reforçado pelo dito de Jesus na sua missão de chamar pecadores (2,17) e pela metáfora do noivo (2,19-20), tendo o seu clímax no segundo dito sobre o Filho do homem (2,28). Como a última controvérsia envolve cura, fica destacado a contínua oposição a Jesus, introduzida primeiro na história sobre o paralítico, reforçada pela série contínua de debates. O clímax é atingido na última narrativa na qual os oponentes planejam matá-lo.

Na primeira história, a seriedade da ameaça a Jesus, a possibilidade de uma acusação de blasfêmia é anulada pelo emprego da técnica de interposição e uma reação favorável da multidão no final. Na segunda história, os oponentes questionam os discípulos. A quinta história afirma que os oponentes observam a Jesus “para ver se ele curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem”, e, finalmente, planejam matá-lo. Assim, 3,1-6 acentua não só o conflito mas também a seriedade do conflito. Nesta controvérsia, fica explícito que o resultado do conflito é um assunto de vida ou morte. Mc 3,1-6 conclui toda a série de controvérsias e resume o caráter maior do conflito: aquilo que

Jesus considera boa obra é considerado por seus oponentes como o motivo para conspirar contra Ele.

As controvérsias de Marcos 2,1–3,6 deixam claro que o comportamento reprovável de Jesus está associado com as suas atividades. Nenhuma dessas atividades é em si um comportamento ilegal e elas são parte fundamental do ministério de Jesus ao proclamar o reino de Deus. Jesus triunfa sobre seus oponentes quando ele realiza as duas curas do tipo ressurreição. Estes temas estão explícitos no dito de Jesus dirigido aos oponentes: “É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?” (3,4). Jesus escolhe salvar a vida ao restaurar o homem que tinha a mão ressequida, mas os oponentes escolhem matar ao conspirar contra ele (3,5-6). Mc 2,1–3,6 destaca gradualmente o elemento de oposição, o qual atinge o seu clímax em 3,1-6. A seção como um todo mostra a crescente oposição a Jesus, assinalando adiante a sua morte. A terceira narrativa assinala também, para além da morte de Jesus, a existência dos discípulos, quando então eles jejuarão, e a possibilidade de destruição dos seus oponentes (2,20-22). Nos cinco relatos de controvérsia de Marcos 2,1–3,6, portanto, vemos a objeção que Jesus recebeu dos seus oponentes, as possibilidades da sua morte, a destruição dos seus oponentes e a vida dos seus discípulos após a sua morte.

#### IV

A narrativa de controvérsia de Mc 2,23-28 focaliza o próprio Jesus a natureza do ministério dele. A forma como Jesus responde o coloca em confronto direto com a lei, devido ao significado especial do sábado na tradição judaica contemporânea. Jesus responde a questão colocada pelos fariseus sobre o comportamento dos discípulos lembrando o exemplo de Davi e seus companheiros que comeram os pães da proposição. Davi é apresentado como o personagem primário que dá o ritmo na narrativa, enquanto o sacerdote, cujo nome mesmo não coincide com o nome do sacerdote de 1Sm 21, não é destacado. Os companheiros de Davi estão também em proeminência junto com as ações de Davi. Esta mudança no foco e detalhes de 1Sm 21 corresponde ao contexto de Jesus e seus discípulos, tornando a resposta em realidade uma tipologia. O que Davi fez com e para seus, Jesus pode fazer em favor de e para com os seus. Ao apresentar a história de Davi, Jesus reivindica para si mesmo a prerrogativa de prover para os que “deixaram tudo para segui-lo”, mesmo quando, como aconteceu com Davi, esta atividade ultrapassa os limites da lei. Jesus comparou a si mesmo com Davi e a reivindicação que ele fez indica a consciência que tinha da sua autoridade.

A resposta de Jesus explica o comportamento dos discípulos à luz da autoridade dele. Enquanto 2,25-26 usa a tipologia Davi/Jesus, 2,27-28 trabalha a partir de um jogo de palavras e a doutrina da criação. Jesus primeiro coloca a lei do sábado na perspectiva de Gn 1, ou seja, a ordem da criação. O sábado foi criado para benefício e bem estar do ser humano (2,27). Esta resposta tem continuidade em 2,28, no dito que atribui a Jesus, como “Filho do homem” a autoridade para quebrar as regras do sábado.

Ao se referir à ordem da criação em 2,27, Jesus afirma o valor tanto do ser humano quanto do sábado à luz da criação, mas coloca o sábado a serviço do ser humano. Mc 2,28, por sua vez, indica que, em virtude da ordem na criação, o Filho do Homem reivindica autoridade sobre o Sábado. A referência à criação deve ser vista na perspectiva de sua mensagem escatológica do reino de Deus. À luz de Gn 1 e a ordem da criação, portanto, Jesus reivindica a autoridade para fazer a obra de Deus na era da salvação, prover alimento para os seus mesmo quando tais ações provocam conflito com a lei do sábado. Jesus não estava, em princípio, anulando a lei do sábado, mas interpretando-a à luz de seu ministério.

Esta reivindicação subjaz também a tipologia de Davi e seus companheiros/Jesus e seus discípulos. Esta perícopa, juntamente com o conjunto de 2,1-3,6, foi transmitida porque ela testemunha sobre quem era Jesus e porque seu ministério teve grande oposição das autoridades religiosas. Mc 2,1-3,6 focaliza a reivindicação de Jesus em “chamar pecadores” (2,17), “ser o noivo” (2,19), ser a contraparte de Davi (2,25-26) e aquele em quem Deus estava fazendo algo novo na história humana (2,27-28). A autoridade de Jesus explica o comportamento dos discípulos sobre o sábado e corresponde à autoridade introduzida em Mc 1,21-27 e 2,1-12. Ela não só difere da autoridade dos escribas (1,22.27), mas também diz respeito aos seus discípulos e a conduta deles, uma diferença que conduziu ao conflito final entre Jesus e seus opositores.

Em Mc 2,23-28, na primeira parte da resposta de Jesus, a comparação entre Davi e seus companheiros e Jesus e seus discípulos indica que o que Davi teve liberdade de fazer para si e seus companheiros, essa mesma liberdade têm os seguidores de Jesus. O que fez Davi, o rei de Deus, o precursor do Messias, pode ser feito pelos seguidores de Jesus. Eles têm direito a agir de forma semelhante, ou seja, a transgressão de um dos mandamentos, pois com Jesus se iniciou o tempo messiânico e com ele a Torá do Messias. A comunidade cristã, portanto, pratica a lei do sábado a partir da sua união com Cristo, o Filho do homem. Ela sabe também que a sua liberdade está fundamentada em Jesus como intérprete da criação. O sábado não é um fim em si mesmo, existe em favor do ser humano, assim com foi uma dádiva de Deus ao ser humano quando ele terminou a criação do mundo. O Filho do Homem é Senhor do sábado, o que implica que, sob certas condições, a lei do sábado pode ser quebrada, principalmente quando está em jogo a vida do ser humano (Mc 3,1-6; Lc 13,10-17). A comunidade cristã situa-se agora em outra perspectiva frente à lei e afirma a sua liberdade em relação ao sábado tendo por base a messianidade de Jesus.

*José Adriano Filho*  
Seminário Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho  
Londrina-PR  
j\_adriano@sercomtel.com.br

## **Bibliografia**

- CASEY, M. "Culture and Historicity: The Plucking of the Grain (Mark 2,23-28)". In: *New Testament Studies* 34, 1988.
- DAUBE, D. "Responsibilities of Master and Disciples in the Gospels". In: *New Testament Studies* 19, 1972-1973, p.1-15.
- DEWEY, Joanna. *Markan Public Debate. Literary Technique, Concentric Structure, and Theology in Mark 2,1-3:6*. Chico: Scholars Press, 1980.
- GNILKA, J. *El Evangelio Segun San Marcos*. Salamanca: Sígueme, 1986.
- GUELICH, Robert A. *Mark 1-8:26*. Word Biblical Commentary. Volume 34 A. Dallas: Word Books, Publisher, 1989.
- LANE, William L. *The Gospel According to Mark*. London: Marshall & Morgan, 1974.
- MACK, Burton, L. *A Myth of Innocence. Mark and Chrisitan Origins*. Philadelphia: Fortress Press, 1988.
- MARXEN, W. *El Evangelista Marcos. Estudio sobre la historia de la redación del Evangelio*. Salamanca: Sígueme, 1981.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SEVERINO CROATTO, J. *Hermenêutica Bíblica*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1986.
- TAYLOR, V. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Cristiandad, 1979.